

A construção dos talentos

 JOSÉ PASTORE



Esta é uma história verdadeira. Tenho um grande amigo, brilhante Ph.D. em Economia, que acaba de se aposentar num banco internacional. Ainda jovem (58 anos), recebeu um convite para integrar o corpo docente da Universidade da Malásia, em Kuala Lumpur, onde esteve para a entrevista inicial.

Ele teve um choque ao conhecer a carga de trabalho que o aguardava: dois cursos por semestre (cerca de cem alunos por classe), corrigir as provas, orientar dez estudantes de pós-graduação e publicar dois “papers” por ano em revistas de alto conceito internacional. Remuneração: equivalente a R\$ 6.500 por mês, sem 13.º salário ou abono de férias e nenhum benefício adicional, exceto uma pequena ajuda para moradia.

Sendo ele um pesquisador sênior, delicadamente recusou o convite. Mas concluiu que, na Ásia, o conhecido rigor que é usado para recrutar e remunerar a força de trabalho industrial é utilizado também para o caso de professores. E que dezenas de Ph.Ds. talentosos aceitam com prazer as referidas condições.

Isso explica o salto daquela universidade ao passar recentemente de 230.ª para a 180.ª posição no ranking das melhores do mundo. A produção acadêmica asiática está prestes a superar a ocidental.

Na última década, os cientistas chineses quadruplicaram o número de “papers” publicados nas melhores revistas do mundo.

É uma corrida alucinante para formar novos talentos. A China envia cerca de 100 mil jovens todos os anos para fazer estudos de graduação e pós-graduação nos EUA. O mesmo ocorre com a Índia (Institute of International Education, *Report on International Educational Exchange*, 2009).

Além disso, os dois países estão promovendo um rápido repatriamento dos seus cientistas. Em 2009, Shi Yiong, prestigiado professor de biologia molecular da Universidade de Princeton (EUA), voltou para a China, dispensando uma verba de US\$ 10 milhões que tinha para tocar suas pesquisas. Em 2007, Rao Yi, biólogo de alta reputação na Northwestern University, renunciou à cidadania americana (!) e assumiu a direção da Faculdade de Ciências da Vida na Universidade de Pequim. Na mesma época, o pesquisador Wang Xiandong deixou a Faculdade de Medicina da University of Texas Southwestern e foi dirigir o Instituto Nacional de Ciências Biológicas, também em Pequim (*Fighting Trend: China is Luring Scientists Home*, *The New York Times*, 6/1/2010).

A China e a Índia estão oferecendo prêmios sedutores para quem tem experiência com a pesquisa ocidental. Tudo isso para queimar etapas e fortalecer o principal alicerce do desenvolvimento econômico – o conhecimento.

Na educação, a corrida é em relação

a um ponto móvel. Isso significa que, por exemplo, enquanto o Brasil avança 10%, a Malásia, a Índia e a China avançam 20% ou 30%. As diferenças aumentam.

Nessa maratona alucinante estamos na rabeira. O Brasil forma 40 mil engenheiros por ano. A China forma 300 mil. O *Relatório de Monitoramento Global – Educação para Todos* (Unesco, 2010) colocou o nosso país no 88.º lugar entre 128 nações, uma posição desconfortável para quem pretende ser uma potência regional ou mundial. Com todo o respeito, estamos atrás até do Paraguai.

O Brasil continua exibindo um dos mais altos índices de repetência escolar (19%). Menos da metade dos jovens está no ensino médio e apenas 13% chegam ao ensino superior. A força de trabalho do Brasil tem apenas sete anos de escola, em média, e má escola. A da Coreia do Sul tem 11 anos de boa escola.

Em 2009 “sobrou” 1,7 milhão de vagas no Brasil por causa da falta de qualificação dos candidatos. Não é para menos. A maioria dos estudantes que chegam à 8.ª série não entende o que lê e mal domina as operações aritméticas.

Temos de melhorar muito a qualidade do nosso ensino. Para tanto, precisamos de governantes com mentalidade de estadistas, que valorizem a educação e que sejam capazes de envolver toda a sociedade nessa sacrossanta empreita.

* PROFESSOR DE RELAÇÕES DO TRABALHO DA FEA-USP. SITE: JOSEPASTORE.COM.BR